

ram que fossem tomadas providências em relação ao problema da segurança. “Falamos com ele que a cidade não tinha policiamento e que ele tinha que resolver, se não fosse a Polícia Militar, que fosse a Polícia Civil, o Exército... O Jaider e o Maciel reforçaram o que eu havia dito e ele disse que já estava tomando estas providências, nos despedimos e ele retornou para a reunião”.

Segundo Jorge Noman, a primeira idéia de fundar o Sindicato ocorreu após o encontro com Geraldo Ribeiro. “Saímos nós três e falei: ‘Não dá para conviver com um sindicato que age desta maneira’. Na minha opinião, a mortandade (o massacre de 7 de outubro) só ocorreu porque o Sindicato não foi capaz de ver que estava acontecendo, as revistas eram um problema sério nas portarias da usina, e tentar resolver antes de chegar ao ponto que chegou. O sindicato só entrou depois que a casa estava arrombada e que aconteceram as mortes”, critica.

## PASSOS INICIAIS

“Bem – prossegue o dirigente, relatando os primeiros passos para fundação do Sindicato –, resolvemos que era hora de começarmos a pensar num sindicato

próprio, eu, Maciel, Jaider e também um rapaz de Juiz de Fora, muito novo, muito entusiasmado, de quem não me lembro o nome (trata-se de Wander Batista Nascimento). A diretoria foi eleita com o pessoal da Topografia e do setor de restaurantes da Usiminas, que na época era dirigido por um companheiro chamado Moraes. Este companheiro foi para lá desde o princípio como cozinheiro e depois continuou trabalhando neste mesmo setor. Ele tinha muita gente, garçons, cozinheiros, além do pessoal da topografia, e resolvemos criar o sindicato, mas não sabíamos como. Como tinha vindo de Belo Horizonte para Ipatinga, os companheiros sugeriram que eu fosse a Belo Horizonte e verificasse como fundar o sindicato. Decidi que



**Lançamento da pedra fundamental do Palácio do Trabalhador, futura sede do Sindipa**

iria à Delegacia do Trabalho conversar com o delegado e descobrir como fazer para ter um sindicato próprio. Fui à Delegacia do Trabalho, que na época era na rua Tamoios, quando entrei e vi o delegado, descobri que já o conhecia. Era Onésimo Viana de Souza, vizinho de uns primos meus que moravam no Carlos Prates. Nós o chamávamos de professor. Eu o cumprimentei e expliquei o que estava acontecendo em Ipatinga. Disse que estávamos pensando em fundar o sindicato. Ele disse que era uma boa idéia, elogiou muito e me deu as instruções do que era necessário para fazer uma associação profissional de metalúrgicos, que deveria associar o maior número possível de trabalhadores e ainda conseguir um esquema de renda, patrimônio, o que fosse para funcionar. E me indicou para procurar a Fe-

## O REGIME É OUTRO

Rusgas entre os dirigentes sindicais sempre existiram. Desde a primeira diretoria do Sindicato, as divergências se evidenciavam nem tanto por razões políticas ou por concepções diferentes de sindicalismo, mas, às vezes, por vaidade, mesmo. É Jorge Noman quem conta um destes “entreveros” entre ele e Ascy Castello de Mendonça:

- Eu me lembro que uma vez nós estávamos ainda na fazendinha e aconteceu uma coisa interessante. O Ascy fez um programa sobre o que cada um dos diretores deveria fazer, o papel de cada um, do presidente, do vice, do tesoureiro. Eu li o programa, uma espécie de cartilha. E falei com ele, “eu li, achei até muito bom, mas não estou vendo o que você deve fazer, não vi seu nome”. Sabe o que ele me respondeu? “Eu estou aqui para coordenar o pessoal”. Aí eu falei que não precisava de primeiro-ministro, porque o regime no sindicato não era parlamentarista, era presidencialista.